14-07-2025

RECEITA DE BOLO PARA AMAR UM TAGARELA

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Ocorre comigo. Certamente, ocorre com todos e todas. Com frequência, eu encontro um velho conhecido ou um colega que fazia muito tempo que eu não o via. A pessoa, insuflada de ansiedade, fala como se estivesse disputando uma corrida de 100 metros. De um assunto para outro, acelera o ritmo da fala, desacelera e continua falando até que o tempo do encontro se esgota com o seu discurso unívoco. Acontece também dessas pessoas, de boa índole e de excelentes intenções, quando esgotam a energia verbal, cansadas por falarem tanto, não terem condições de escutar. Além do procedimento humano precário e autoritário, a pessoa que fala como papagaio numa feira de verbos, ao não escutar aquele que se encontra próximo, age – consciente ou inconscientemente – para desmontar o diálogo. Autores e autoras contemporâneos dos mais variados campos de saber, incluindo a pedagogia e a comunicação popular, versam com propriedade: a escuta é uma forma de acolhimento. Escutar, diz o paliativista Ernani Costa Mendes, do Inca (Instituto Nacional do Câncer), é o primeiro passo do cuidado. O mesmo autor grafa com luminoso afeto a frase explicativa: QUEM CUIDA ESCUTA. Destaca ainda que sem cuidado não há promoção de saúde. Pode-se mesmo, em diálogo com o Ernani Costa Mendes, emendar o soneto com essa nota musical: ESCUTAR PROMOVE SAÚDE. Talvez, ao modo do filósofo francês Gilles Deleuze, próximo à concepção do campo/questão da Saúde do Trabalhador, arrematar a jogada assim: saúde é ter vontade e alegria de viver. Por conseguinte, saúde não é ausência de doença, mas, apesar de uma doença ou outra, ter a capacidade de lutar, participar, conviver e dialogar. Saúde requisita coragem e ética.

Saúde se expressa na criação. É arte. Mas a questão que se coloca, ao tentar discernir o triste enredo de pessoas que apenas falam e não escutam, é outra: o que há, nesse tempo histórico e na pauta da sociabilidade humana envergada nos espaços contemporâneos, que conduz o sujeito a não ter condições e desejos de escuta? Está-se perguntando isso: o que faz desatinar a palavra afirmando a fluência incontida dos tagarelas? Explicações com contornos argumentativos complexos têm havido entre psicanalistas, sociólogos, intérpretes da comunicação, antropólogos, psicólogos, dentre outros. Alguns responsabilizam a carência coletiva do sujeito que, desencantado deste mundo, quer apenas falar. Outros afirmam que a degradação ética, estampada no tecido social inteiro, sintoma de uma sociedade marcada pelo monopólio e pelo estrategismo de mercado, atinge a dimensão relacional dos sujeitos, com esse dueto: fala-escuta.

Há os que avaliam os impulsos criados pela ansiedade generalizada, tal como o ritmo de veículos nas metrópoles e o manuseio de informações e imagens pelo celular. Explicações existem demonstrando o desacerto narcísico desse sujeito que, defasado em suas relações e desconfiando do mundo, vive a se expor como se o outro com quem se relaciona fosse uma galeria de retratos. O fato é esse: cresce a ordem dos tagarelas. Impõe-se a tagarelice como marca e sintoma deste tempo. Erich Fromm, um dos criadores da psicologia social, ao interpretar a vida psíquica na sociedade capitalista, sugeria que a conversa fiada e superficial empobrecia a consciência de trabalhadores. Empobrecidos, fragilizavam-se na leitura de seu processo de alienação e de sua humanidade. O próprio Fromm, consciente da força da vida psíquica, apresentava uma receita de bolo contra o empobrecimento ético da tagarelice. Que as pessoas falassem de seus problemas com profundidade; contassem as suas histórias de vida; ouvissem os próximos; perguntassem de onde provêm as suas dores e seus sofrimentos. Que se dedicassem ao pensamento profundo e não caíssem na superfície de uma fala corriqueira e desviante. Para isso ocorrer, convinha acolher a voz do outro com paixão, entusiasmo e dedicação. Nela, além do timbre, do tom, do andamento e do trabalho da língua na fricção mecânica com órgãos como o nariz, a laringe, a traqueia e os pulmões se estabelecem a pulsão da vida, a possibilidade de apresentar as dores e de descobrir as causas comuns de sofrimento. Na fala de um ou de uma se aglutinam o universal concreto e a intraduzível singularidade de todos mediante o enlace da cultura com o fio da singularidade. Há que saber: a voz caminha na fala, esta vai para o ar até chegar aos ouvidos de quem escuta. Dali, imediatamente, irradia-se no cérebro e é capaz de alterar a frequência cardíaca, alterando também a rota da ação e da direção de vida dos envolvidos. Parodiando Foucault é justo dizer: a fala é uma ação que cria ações. Pelbart, ao estudar a loucura, sugeriu que seria conveniente, aos que amam a vida e a arte, escutar os loucos. Escutá-los não apenas como medida de respeito, mas com gesto de aprendizagem. Os loucos falam, não para representar, sequestrar a atenção de quem está próximo, aliciar, fazer tabela com a carência coletiva. Falam para explicitar a sua dor, a sua força, o seu momento vital. Para corporificar o seu sentimento. Falando exteriorizam o interior, lançam a sua verdade sem máscara e sem verniz. Pode ser que os tagarelas falem pelos cotovelos. Falam pelos cotovelos debruçados no éter deste tempo ruidoso. Mas as suas palavras, forjadas na lei do excesso, embora perdidas no éter, lhes revelam. Como vimos argumentando, a precarização da escuta cicatriza a ética coletiva aumentando a potência de violência em todos os níveis. Afinal, não escutar é uma desconsideração ao outro. Todavia, esse outro é um sujeito do mundo, por isso, deve, apesar de tudo, ser escutado, pois o amor é escutatório. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.